

O CONCEITO DE DISCURSO MIGRANTE na personagem Hue, de *Es necesario entender un poco*

Jane D'Arc
UFMG

RESUMO

Baseando-me nos conceitos de Homi Bhabha sobre cultura e de Antonio Cornejo Polar sobre discurso migrante, analiso a *performance* da personagem Hue de *Es necesario entender un poco*, da dramaturga argentina Griselda Gambaro. O artigo enfatiza alguns pontos importantes que me servem de conectores para minha leitura interpretativa: globalização, identidade do sujeito, competência lingüística e inserção cultural, e estranhamento.

PALAVRAS-CHAVE

cultura, discurso migrante, Griselda Gambaro

O sujeito pós-moderno é, atualmente, conceituado como um 'eu' cuja identidade é transformada tantas vezes quantas novas situações lhe são apresentadas e que será definida pela História e pela cultura que o rodeiam. Hoje, entendemos que não existem sociedades fechadas, delimitadas por fronteiras, com uma cultura própria e pura, representada como uma totalidade e unicidade. A globalização muda esse conceito, pois desloca essas identidades culturais nacionais fazendo-as atravessar as fronteiras e conseqüentemente as integra e as conecta às diversas comunidades. Se antes entendia-se cultura como a representação fiel, pura dos costumes e tradições de uma sociedade de maneira fechada, hoje, define-se como um conjunto de vários discursos, como a interface desses discursos. Para Bhabha:

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas ou comunidades étnicas orgânicas (...) estão em profundo processo de redefinição (...) há uma evidência esmagadora de uma noção mais transnacional do hibridismo das comunidades imaginadas.¹

Então, esse sujeito pós-moderno, híbrido, migrante, terá um discurso pluralizado e será obrigado "a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural perdida ou de absolutismo étnico."²

Levando em conta o conceito de "discurso migrante" de Antonio Cornejo Polar analisarei Hue, a personagem central do texto dramático *Es necesario entender un poco*, da argentina Griselda Gambaro, buscando confirmar ou contrapor esse conceito e tendo como ponto norteador as idéias de cultura de H. Bhabha.

¹ BHABHA. *Local da cultura*, p.24.

² HALL. *Identidades culturais*, p.96.

Para Cornejo Polar, esse discurso “es radicalmente descentrado encuanlo se construye alrededor de ejes varios y asimétricos de alguna manera incompatibles y contradictorios de un modo **no** dialéctico.” (grifo do autor)³ O sujeito migrante traz consigo um discurso impregnado de valores, significados, conceitos, preconceitos, regras e uma pluralidade de códigos que se enfrentam a um discurso local, que se chocam causando o deslocamento e o descentramento desse sujeito. Seu discurso, então, passará a ser construído tendo agora dois referenciais, dois *locus* diferentes.

Hue, um chinês letrado, vive com sua família (mãe e um filho), num ambiente de classe média baixa. Sua condição social é definida por frases soltas, quer seja na descrição do ambiente, “La escena vacía, salvo una canasta repleta de verduras sobre el piso”,⁴ quer seja na promessa de Hue: “Traeré dinero. Podré ayudar. Toda mano que pida, toda necesidad tendrá respuesta”,⁵ ou na simples constatação da mãe ao regressar o filho: “Somos más pobres”.⁶ Hue sai da China a convite de um padre Jesuíta, que o leva à França para traduzir o livro *I Ching*.

Lá, sonha encontrar riquezas materiais e intelectuais e voltar triunfante “no sólo regresaré rico, sino más sabio”.⁷ A busca da felicidade perdida em seu país, que o faz sentir-se um estranho numa terra estranha, leva-o para outras terras com “critaturas más felices que en ésta.”⁸

Essa convivência pode ser colaborativa e dialógica, como também pode ser antagonica, conflituosa e até incomensurável. Na China, Hue é o grande letrado, o que pensa, o que decide, o que dá a última palavra. Nessa medida, não tem um diálogo, como o que é definido no dicionário Aurélio: “Troca ou discussão de idéias, de opiniões, de conceitos, com vista à solução de problemas, ao entendimento ou à harmonia, comunicação”,⁹ uma vez que ele tem sempre razão e não permite a *troca ou discussão*, mas no entanto, há *comunicação*: ele entende os outros e eles o entendem. Ao contrário da sua estadia na França, marcada por desencontros, desentendimentos, falta de comunicação e sobretudo, intransigência dos nativos para com o visitante. Desde os subordinados (cocheiro, empregada doméstica, guarda) aos patrões (sacristão, médico, padre) o consideram um estorvo, um problema. Em nenhum momento produzem a *troca* ou se preocupam em fazê-la. Aqui o diálogo está “interrompido” não só pelo autoritarismo, desta vez dos outros, mas também pela incompreensão, pela incapacidade de Hue relacionar os códigos lingüísticos (signo > significante > significado).

Podemos observar isso na cena da morte da *posadera*: para o chinês a morte representa uma passagem, um renascimento. É uma transposição difícil e dolorosa, por isso é necessário que alguém a ajude nesse momento. Hue abraça a mulher, dando-lhe sustentação e permitindo-lhe transpor o umbral que separa a vida da morte. O padre francês, não percebendo a agonia da mulher (porque a vê como uma serviçal

³ CORNEJO POLAR. Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno, p. 841.

⁴ GAMBARO. Es necesario entender un poco, p.61.

⁵ IBIDEM. p.64.

⁶ IBIDEM. p.118.

⁷ IBIDEM. p.64.

⁸ IBIDEM. p.62.

⁹ FERREIRA. *Novo dicionário da Língua portuguesa*, p.585.

que não está cumprindo sua tarefa), considera o abraço como falta de pudor e quer obrigá-lo a soltá-la, utilizando-se inclusive da força:

Hue: Padre, señor. ¿Le viste los ojos? Necesita que alguien la sostenga. Si la abandono caerá. Pasa por un terrible momento, como si estuviera naciendo a un mundo desierto y no tiene fuerzas.

Padre: ¡Le diré al cochero que te dé latigazos!

Hue: ¡No puedo soltarla!

Padre: ¡Sí! Porque también a ella se enroscará en las carnes la punta del látigo.¹⁰

Hue não consegue dialogar nesse espaço. Além dos hábitos diferentes (alimentação, religião, costumes...), não entende a língua como código lingüístico, dificultando ainda mais sua adaptação ou compreensão. Hue não tem competência lingüística, nem performática para entender esse novo mundo, e nem "behaviour itself is organized: Given their understanding of what it is that is going on, individuals fit their actions to this understanding and ordinarily find that the ongoing to this world supports this fitting".¹¹

Desde que deixou sua terra natal, Hue se transforma num homem impotente, como "si se hubiera vuelto analfabeto."¹² Seu discurso é comparativo: "Hue: Sólo un momento... Por primera vez toco la hierva. Es tierna como la de China"¹³ e nostálgico: "El sabor del arroz no se parece a nada. Es blanco como la nieve y suave como la caída de los pétalos del ciruelo en primavera."¹⁴

O que vê na cidade, deixa-o confuso. Desespera-se, implora que alguém possa lhe explicar. Suas reações o fazem parecer um louco, já que não pode compreender o que passa à sua volta:

Hue: ¿Quién me explicará este mundo? (...) Por favor, hacelas transparentes como el agua, simples para mi corto entendimiento porque carezco de orgullo... Por favor... (*tiende la mano*)

(...)

Sacristán: ¿Podemos dejarlo aquí?

Médico: ¿Para qué? Si fuera loco...

Sacristán: ¡Lo es! No entiende nada de nada. Y sus costumbres no son las nuestras.¹⁵

De senhor, dono, intelectual e letrado, Hue se transforma em lacaio, servil, mendigo e, finalmente, demente. Seu declínio é lento e ocorre pouco a pouco, à medida que cada cena é descrita. Primeiro, ele questiona ao padre o porquê dos marinheiros não aprenderem a sua língua, e a resposta, "su idioma es una jergla endiablada, Dios me perdone",¹⁶ marca o preconceito do francês sobre a cultura do imigrante; logo depois, sente-se culpado por não ter aprendido a língua do estrangeiro "¿Por qué yo no aprendí el tuyo?"¹⁷ (talvez pela primeira vez passa por sua cabeça que

¹⁰ GAMBARO. Es necesario entender un poco. p.85.

¹¹ ELAM. *The semiotics of theatre and drama*, p. 87.

¹² GAMBARO. Es necesario entender un poco, p.89.

¹³ GAMBARO. Es necesario entender un poco, p.73.

¹⁴ IBIDEM. p.82.

¹⁵ IBIDEM. p.94-95.

¹⁶ IBIDEM. p.69.

¹⁷ IBIDEM. p.68.

ele não domina tudo) e, mais uma vez, a resposta vem confirmar o menosprezo do “dominador” pela cultura do “dominado”: “Porque sos chino”.¹⁸ Num outro momento, Hue quer sentir a terra que lhe dá equilíbrio e não pode, pois o padre não entende a importância da natureza como extensão do ser humano, já que isso não faz parte de sua cultura. Quando Hue já está na cidade, perde-se, vê “cosas que me han avergonzado para siempre”;¹⁹ que no entanto, já não causam *estraneza*, constrangimentos ou vergonha aos seus habitantes, como por exemplo, ao sacristão, ao padre, ao médico, à empregada doméstica... e, finalmente, internam-lhe num hospício.

Hue volta a seu país sem riquezas, sem conhecimentos, sem vida. Na primeira cena, deparamo-nos com um Hue cheio de sonhos, desejos e ambições. Na última, já não há mais sonhos, nem ilusões. O que ficou foi uma sensação de *estraneza*, um homem que não reconhece mais o sabor da própria comida, um momento cujo estranhamento “relaciona as ambivalências traumáticas de uma história pessoal, psíquica, às disjunções amplas da existência política.”²⁰ O estranho, aqui, tem como sentido a não aceitação, a recusa, a reprovação, quer por desconhecimento subjetivo total do fato (não fazer parte da própria cultura), quer por não concordar com tal fato (conhecer e reprovar). Hue, depois das experiências vividas, já não sabe o que lhe é próprio ou o que lhe é alheio.

Ele sofre violações físicas — “El cochero vuelve con una cuerda. Ata las manos de Hue, venciendo su resistencia a los sopapos, y las sujeta a un gancho del carruaje”²¹ — e psíquicas que o levam, inclusive, a ser internado num *loquero*. O medo de perder a hegemonia e dividir espaços e poder, faz com que a cultura dominante anule a cultura considerada menor, por esta não estar de acordo ou por valorizar conceitos e estruturas diferentes do centro hegemônico.

O instinto de preservação do nacional faz com que os que detêm o poder tomem medidas radicais para não se deixarem contaminar, ou perderem sua autonomia. Podemos citar os genocídios cometidos no passado (alemães x judeus) e os mais recentes (albaneses x sérvios; chechênios x russos; neonazistas x imigrantes do sul da Europa) e que nos fazem questionar até que ponto a defesa da soberania nacional pode ser considerada como um fator positivo de um determinado povo.

No texto analisado, a cultura francesa, que é poderosa e a legitimada, já se auto-concedeu o “certificado de sapiência”. Pensam que, como são “superiores”, não há o que acrescentar das outras culturas, pois são inferiores; suas cultura e sociedade estão solidificadas; são onipotentes e auto-suficientes.

Dessa forma, conforme nos diz Cornejo Polar, os eixos que giram em torno do discurso migrante abrem um leque de possibilidades para falar a partir de vários territórios. Já não é somente um sujeito de uma determinada região, de um determinado país, com um discurso próprio e incontaminado que traz consigo toda uma bagagem subjetiva que isso implica (princípios, conceitos, valores, preconceitos...), mas sim, um sujeito com uma multiplicidade de vozes, opiniões, que terá como opções dialogar

¹⁸ GAMBARO. Es necesario entender un poco, p.68.

¹⁹ IBIDEM. p.92.

²⁰ BHABHA. *Local da cultura*, p.32.

²¹ GAMBARO. Es necesario entender un poco, p.74.

nesse novo espaço ou negá-lo. Nossa personagem, por não ter se adaptado, produzindo um diálogo com o discurso local, enlouquece e deseja, inclusive, a morte: “Madre: Um hombre sin modales, más vale que se muera. Hue: Quizás es lo que espero.”

Hue e os franceses não conseguiram comunicarse y enriquecerse²² mutuamente com suas experiências e assumir como “propia — *pero cada cual a su manera* — una modernidad que felizmente siempre tiene — cuando es auténtica, más de un sentido.”²³ Os franceses seguiram suas vidas sem mudanças, mas Hue já não podia voltar ao seu mundo, pois não podia concebê-lo com os mesmos olhos de antanho. O descobrir de outra possibilidade de pensamento e de vida o fizeram “fechar-se” em si mesmo.

A loucura, nesse caso, representa não só uma negação à submissão francesa, mas também a impossibilidade de Hue admitir que um letrado, como ele, tivesse falhas, cometesse erros e não decifrasse outros códigos, preferindo “de tal forma, ceder uma parte do seu patrimônio a confessar-se inepto.”²⁴ Seu orgulho e seu amor-próprio não lhe permitiram abrir-se ao diálogo. Não só a barreira lingüística causou a falta de comunicação, mas uma barreira psíquica, inconsciente: o instinto de preservação de sua identidade e cultura. Hue queria ser o que era em seu país. Queria impor-se, fazer-se reconhecido como um intelectual, defender sua “nacionalidade”, “comer a mesma comida”, manter sua soberania num mundo distante, geográfica e culturalmente, do seu.

Para Hue, o mundo dos homens tem que ser compreendido, porque “no hay pavor más grande que vivir en él y no entenderlo.”²⁵

Viver nesse mundo dos homens é o que o imigrante Hue não consegue. Os canais da comunicação foram cortados, não só porque lhe faltava a competência lingüística, mas também, a capacidade de desprender-se de sua história e criar uma nova, não delimitada por fronteiras. Se a personagem Hue tivesse encontrado um “entre-lugar”, um espaço de interseção entre as duas culturas, como descreve Silviano Santiago, ou “residir no ‘além’, um espaço de intervenção no aqui e agora”,²⁶ a partir daí, descobriria o novo; criaria um novo discurso, não de exclusão ou de negação, mas de um “profundo desejo de solidariedade social: Estou buscando o encontro..., quero o encontro... quero o encontro...”²⁷



²² CORNEJO POLAR. Condición migrante e intertextualidad multicultural: el caso de Arguedas, p.278.

²³ IBIDEM. p.278.

²⁴ ROTHERDAM. *Elogio da loucura*, p.96.

²⁵ GAMBARO. Es necesario entender un poco, p.118.

²⁶ BHABHA. *Local da cultura*, p.27.

²⁷ IBIDEM. p.42.

RESUMEN

Basándome en los conceptos de Homi Bhabha sobre cultura y de Antonio Cornejo Polar sobre discurso migrante, analizo la *performance* del personaje Hue de *Es necesario entender un poco* de la dramaturga argentina Griselda Gambaro. El artículo enfatiza algunos puntos importantes que me sirven de conectores para mi lectura interpretativa: globalización, identidad de sujeto, competencia lingüística e inserción cultural, y extrañamiento.

PALABRAS-CLAVE

cultura, discurso migrante, Griselda Gambaro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, H. *Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CORNEJO POLAR, Antonio. Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno. In: *Revista Iberoamericana*. Pittsburg, vol LXII, fasc.176-177, julio-diciembre, 1996.
- CORNEJO POLAR, Antonio. Condición migrante e intertextualidad multicultural: el caso de Arguedas. In: *Los universos narrativos de José María Arguedas*. Lima: Editorial Horizonte, 1997.
- ELAM, Keir. *The semiotics of theatre and drama*. 2. ed. New York, EUA: Methuen & Co. Ltd., 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- GAMBARO, Griselda. Es necesario entender un poco. In: *Teatro 6*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1996.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. São Paulo: Atenas, s/d.